



**ARTIGO ORIGINAL**

## Uma leitura psicanalítica de “O Pequeno Príncipe”

*Joana Maria Calejo Pinto Barroso Jorge<sup>a</sup>*

<sup>a</sup> Psiquiatra da Infância e da Adolescência - (Médica Interna de formação específica) - Porto - Portugal.

**Instituição:** Departamento de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Centro Hospitalar do Porto-Portugal

### **Resumo**

Introdução: “O Principezinho” de Saint-Exupéry descreve a relação única e misteriosa vivida entre um piloto de avião e uma criança solitária, o principezinho. Pela sua riqueza em simbolismo e intensidade emocional, a obra apresenta-se como um ilustrativo ponto de partida para a exploração de conceitos psicanalíticos infantis. Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo explorar conceitos relacionados com o processo analítico e o crescimento psíquico infantil, tendo por base a leitura da obra “O Principezinho” de Saint-Exupéry. Métodos: Foi realizada uma revisão da literatura e, a partir da construção de uma metáfora entre a relação principezinho-piloto ilustrada na obra e a relação terapêutica analista-analisando verificada num processo de análise, foram abordados diversos aspetos teórico-práticos envolvidos num processo psicoterapêutico de uma criança. Considerações finais: A leitura de “O Principezinho” possibilita a reflexão sobre o processo de análise, o desenvolvimento psíquico infantil e sobre a extrema importância da comunicação simbólica na psicoterapia com crianças.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Teoria psicanalítica; Criança.

## **Abstract**

Introduction: “The Little Prince” by Saint-Exupéry describes the unique and mysterious relationship established between an airline pilot and a lonely child, the little prince. Due to its huge symbolism and powerful feelings, the story presents itself as a vehicle for extending our understanding of child analysis. Objectives: This work intends to explore some concepts concerning the analytical process and child’s psychic development using the story of the “The Little Prince” by Saint-Exupéry. Methods: Literature was reviewed. The author makes an analogy between the relationship between the two main characters and the therapeutic relationship established between the analyst and the child and discusses some theoretical and practical aspects involved in the psychotherapeutic process of a child. Final Considerations: A reading of “The Little Prince” allows a reflection on the process of analysis, child’s psychic development and on the importance of symbolic communication in psychotherapy.

**Keywords:** Psychotherapy; Psychoanalytic theory; Child.

## **Introdução**

“O Príncipezinho” de Saint-Exupéry<sup>1</sup> conta a história de um piloto de avião que devido a uma avaria no motor é forçado a aterrar no deserto do Sahara onde encontra uma criança solitária, o príncipezinho. Entre eles, estabelece-se uma relação única, misteriosa e inquietante. Pela sua riqueza em simbolismo e intensidade emocional, gerando sensações semelhantes àquelas experimentadas pelo terapeuta em relação ao paciente real, a obra apresenta-se como ilustrativa de aspetos teórico-práticos envolvidos num processo psicoterapêutico de uma criança. Seguindo a narrativa da obra, foi possível analisar metaforicamente como se dá um processo analítico de uma criança, as fases que o compõem, as condições necessárias e alguns dos movimentos psíquicos inerentes a ele e que possibilitam o posterior desenvolvimento psicológico infantil. Para facilitação da compreensão do leitor, o texto foi organizado em diferentes capítulos de acordo com os diversos temas abordados.

## **O setting**

No meio do deserto do Saara, a mil milhas de qualquer região habitada, um piloto de avião foi forçado a aterrar devido a uma avaria no motor. Estava isolado “*mais isolado do que um naufrago sobre uma jangada no meio do Oceano*” e a água que tinha para beber dava apenas para oito dias.

Vislumbra-se, nesta introdução, aquilo que viria a ser o cenário da história entre o piloto e o príncipezinho, metaforicamente, o *setting* imprescindível ao estabelecimento da relação analítica entre o terapeuta e a criança.

O Deserto, o local onde tudo se passa, um local distante, perene, vazio... de ruídos, preconceitos, resistências. Todas características necessárias ao processo de análise e conhecimento em que a constância do espaço e do tempo garantem uma função reguladora e contentora permitindo à criança “definir a zona intrapsíquica, onde a palavra e o corpo se dispõem”<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, um espaço protegido, com a função de diferenciação interna e contenção, e que confere um “Eu-Pele”, remetendo para a concepção de “envelope psíquico” proposta por D. Anzieu<sup>3</sup>.

Finalmente, a finitude da água ao fim de oito dias e, portanto, da história vivida entre o piloto e o príncipezinho remete para a elaboração do contrato terapêutico, pedra basilar de um processo de análise que é de resto mais evidente em capítulos posteriores.

## O encontro

O piloto nunca estivera tão sozinho e isolado e fora surpreendido por uma voz de uma criança que lhe pediu para desenhar uma ovelha. O piloto reagiu com espanto mas a criança insistiu, pois era “*uma coisa muito séria*”. Apesar de surpreendido, o piloto não conseguiu deixar de responder ao pedido. “*Por mais absurdo que tal me parecesse, a mil milhas de qualquer lugar habitado e em perigo de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta*”. Desenhou um dos dois únicos desenhos de que era capaz- o da jiboia a engolir o elefante- o qual a criança identificou mas que não a satisfaz. Espantado por o seu desenho ser compreendido e cada vez mais cativado pela criança, o piloto esforça-se por desenhar uma ovelha que a satisfaça e alcança um desenho de uma caixa com a ovelha lá dentro. “*Esta é a caixa. A ovelha que tu queres está dentro dela*”- ao que o príncipezinho responde: “*Era exatamente assim que eu a queria!*”.

Nestes primeiros capítulos, identifica-se representado o “momento de encontro” imprescindível à relação entre o terapeuta e a criança e no qual se atinge o “*insight* relacional”<sup>4</sup>, ou seja, uma cumplicidade e capacidade de sintonia por meio de um conhecimento relacional implícito do outro.

Denota-se alguma urgência por parte de cada um... do piloto que tinha em mãos “*uma reparação difícil*” e do príncipezinho que necessitava muito de uma ovelha tal qual a que encontrou no desenho. No contexto psicanalítico, embora de modo não tão explícito, verbal ou conscientemente, a criança vem frequentemente em condições semelhantes e deve partir dela o seu pedido de ajuda. Por sua vez, o terapeuta tem, à semelhança do piloto de avião, de ficar curioso e até algo desconcertado com o pedido de ajuda, permitindo-se “*ir sem memória e sem desejo*”<sup>5</sup> para assim ser conduzido pela criança na aventura da reparação psicológica.

## **A aliança terapêutica**

O início do diálogo entre o piloto e o príncipezinho acerca da ovelha ilustra o início de um processo de análise em que o terapeuta vê no material que a criança traz conteúdos reveladores. À medida que se conhecem melhor, o piloto pergunta: *“Donde é que vens, meu rapazinho? Onde fica a ‘tua terra’? Para onde queres levar a minha ovelha?”* ao que o príncipezinho responde: *“... a caixa que me ofereceste vai servir-lhe de casa durante a noite”*. Evidencia-se aqui a extrema importância que o piloto já tem para o príncipezinho, denotando-se o amor implícito na escuta e a tentativa de compreensão, o sentimento de aceitação e o respeito entre os dois. Na metáfora utilizada, eram evidentes os ingredientes que constituiriam a matriz da transferência necessária à relação entre o terapeuta e a criança. Em breve, estabelecer-se-ia a aliança terapêutica entre ambos, uma relação de trabalho em prol do processo terapêutico<sup>6</sup> e tão bem simbolizada na caixa que continha a ovelha.

## **Uma incursão pelo simbólico**

À medida que o piloto e o príncipezinho se vão conhecendo melhor, permitem-se entrar numa viagem inesquecível, repleta de significados e onde tudo podia acontecer. De igual modo, entre o terapeuta e o analisando-criança, o imaginário e o simbólico se sobrepõem progressiva e gradualmente ao real. Têm a permissão para imaginar ser quem não é, estar em lugares diferentes, satisfazer os seus desejos, ilusoriamente viver o impossível. O simbólico é utilizado como forma de representação do mundo interno e inconsciente. Pela capacidade de devaneio e por meio de uma disponibilidade empática, presente na identificação identificação homóloga ou concordante do terapeuta com o analisando (*“contratransferência concordante”* de Racker<sup>7</sup>), o significado e sentido da realidade psíquica vigente do último vão sendo apreendidos.

## **A emergência de mecanismos de defesa**

Aos poucos, o príncipezinho fala do seu mundo interior, suas angústias e preocupações. Explica que, no seu planeta, existem boas sementes de ervas boas e más sementes de ervas daninhas e que são invisíveis, *“dormem no segredo da terra até que uma delas se lembra de despertar....”*. Acrescenta que as sementes más dão origem a árvores perigosas, imponentes e destrutivas, chamadas embondeiros. Se não arrancadas, *“atravancam o planeta todo”*. Num paralelismo com a metáfora do par analítico, a criança evidencia uma tonalidade depressiva, emergindo as suas inquietações, inseguranças e os mecanismos de defesa face à angústia despertada. Evidenciam-se mecanismos primários de clivagem, respostas de raiva

e destruição como tentativas de preservação do lado bom contra o lado mau. Os mecanismos de defesa têm a finalidade de garantir a segurança do Eu e poupá-lo da experiência da dor. O seu reconhecimento permite conhecer as vivências subjetivas infantis e devem ser respeitados na sua urgência<sup>8</sup>.

Reconhecendo o sofrimento do príncipezinho e sendo responsivo ao seu pedido, o piloto reconhece a urgência destes afetos e faz um desenho dos embondeiros, o mais grandioso de sempre. Também o terapeuta deve responder aos pedidos do analisando, hierarquizando os conteúdos e privilegiando os de natureza mais primária, mais desestruturantes. *“Talvez perguntem a vocês próprios: porque é que não há neste livro outros desenhos tão grandiosos como o desenho dos embondeiros? (...) estava animado pelo sentimento da urgência”*.

### A revelação do conflito

O piloto e o príncipezinho conheciam-se cada vez melhor, tal qual no processo analítico, as duas subjetividades relacionavam-se esboçando-se aos poucos uma intersubjetividade criativa e capaz de operar transformação, o espaço potencial de ilusão de Winnicott<sup>9</sup>.

Ao quinto dia, o piloto fora surpreendido por uma pergunta inquietante do príncipezinho: *“Se uma ovelha come arbustos também come flores?(...) Para que servem então os espinhos?”*. De algum modo, o piloto parece ter sentido a enorme intensidade da preocupação do príncipezinho, vislumbrando um segredo verdadeiramente importante e angustiante e que o desconcertou: *“(...) estava muito preocupado porque a minha avaria começava a parecer muito grave e o facto de a água para beber se estar a esgotar fazia-me recear o pior”*. E, de modo impulsivo, respondeu: *“(...) Os espinhos não servem para nada, é pura maldade das flores! (...) Eu ocupo-me de coisas sérias!”*. Transportando para o processo analítico, terá sido o material trazido pela criança demasiado tóxico para o terapeuta? Tão tóxico que o terapeuta teve de se distanciar, defendendo-se do “colapso” emergente? Na verdade, o conteúdo emergente afigurava-se como vital e desestruturante para o príncipezinho o qual, perante a resposta do piloto, ficou *“completamente pálido de cólera”* inquirindo violentamente: *“Não é importante a guerra das ovelhas e das flores?”*. Ao longo de um processo de análise, face ao sentimento de ataque à aliança terapêutica e ao sentimento de efração do Eu, podem desencadear-se no analisando-criança um sobreinvestimento do processo primário, manifesto na forma de sentimentos de frustração e ansiedade associados a turbulências edipianas e à ruptura daquilo que Anzieu chamava a pele de representações verbais que protege a estabilidade interior<sup>10</sup>. Citando Bion<sup>5</sup>, ao terapeuta exige-se tolerância à dúvida e à incerteza, tolerância à dor mental e amor à verdade. À luz do modelo winnicottiano, o terapeuta deve oferecer-se como “mãe suficientemente boa”, como objeto a ser utilizado, criando condições de holding<sup>9</sup> permissivo e gratificante favorável à regressão a qual vai permitir o contato com o Verdadeiro Self e o retomar do desenvolvimento,

o “new beginning”<sup>11</sup>. Retomando a obra: *“Tomei-o nos braços. Embalei-o. Dizia-lhe: “A flor que amas não está em perigo... Vou desenhar um açaimo para a tua ovelha... vou desenhar uma proteção para a tua flor...”*.

### **Conflito edipiano**

Aos poucos, o piloto ia aprendendo *“depressa a conhecer melhor essa flor”*... No planeta do príncipezinho, vivia uma flor. Era uma flor muito bela, desprotegida, delicada, mas com espinhos, caprichosa e exigente. De uma forma mágica e inquietante, o príncipezinho amava a sua flor. Admirava-a, enquanto fonte de afeto e beleza, mas simultaneamente ficava confuso e desarmado diante dela... A sua flor era única, só ela conseguia suscitar simultaneamente a esperança e a tristeza de cada *“pôr do sol”*. Numa *“aparição milagrosa”*, à hora do nascer do sol, a flor mostrava o seu esplendor perante o príncipezinho. Tentando desvendar o significado latente do seu mistério, podemos entender que no mistério da flor reside simbolicamente a mãe edipiana<sup>12</sup>. Com efeito, entre o príncipezinho e a flor existe um clima de exclusividade, ternura e enamoramento semelhante àquele que existe entre o rapaz e a sua mãe. De igual modo, a flor, uma rosa vaidosa, detentora de uma *“misteriosa toilette”*, suscita no príncipezinho um desejo misterioso e inquietante semelhante àquele que a beleza da mãe enquanto mulher suscita no rapaz na primeira fase do desenvolvimento da sua sexualidade infantil. Na ausência de um limite edipiano forte, o real pode revelar-se intrusivo e angustiante para a criança, desenvolvendo sentimentos de culpa e sentimentos ambivalentes de proximidade e medo de sufocamento, tao bem ilustrados na obra: *“Porque é que a rosa tem espinhos?”* ou, por outras palavras, porque tenho sentimentos maus em relação à minha mãe? Com o medo de perder o amor da sua mãe, a criança inibe a sua agressividade simbolicamente representada na forma da ovelha que precisa de um açaimo para não comer a rosa.

### **Movimentos de autonomia e individuação**

O conflito infantil entre o desejo regressivo de dependência materna e o desejo de crescer encontra-se bem evidente no gosto manifestado pelo príncipezinho por voar, manifestação de afirmação de grandeza masculina, sentimento de onipotência e superioridade viril<sup>12</sup>. Ansioso por descobrir o que poderia existir noutros locais e desejoso de crescer fora das *“saías”* da flor, o príncipezinho despede-se, aproveitando uma migração de pássaros selvagens, e deixa o seu planeta. À semelhança de um processo de análise infantil, a criança desejavelmente deve prosseguir o seu desenvolvimento no sentido da autonomização e da retirada progressiva da dependência materna, ou seja, avançar no seu processo de separação-individuação<sup>13</sup>.

## **(Re)construção da identidade**

Na existência de um espaço funcional, isto é, de capacidade de representação ou elaboração dessas representações, a relação analítica possibilita a produção onírica e fantasmática... por outras palavras, o desenvolvimento de uma “competência narrativa”<sup>14</sup>. Na relação analítica e fora dela, a criança pode “dizer-se” a alguém, dar-se ao outro, recriar-se, crescer e consolidar o seu self através da partilha da sua grande viagem junto do terapeuta. É-lhe permitida a vivência de diferentes batalhas, elaborando as suas ambivalências e os seus conflitos antitéticos podendo ser em simultâneo, poderoso-submisso, autónomo-dependente, dominador-dominado, ativo-passivo... Citando Schafer (1989)<sup>15</sup>, a criança, pelo processo de análise, contata com os seus selves narrativos ou linhas de histórias que criam uma razão coerente à (re)construção da sua identidade. Esta viagem de crescimento encontra-se bem representada na obra, na qual, simbolicamente, o príncipezinho explora as diferentes partes do seu Self, experienciando diferentes relações objetais, reais e fantasiadas nos diversos planetas que visita.

## **A elaboração mental**

Com um sentimento reforçado de identidade e uma maior coesão do Self, ao longo do seu processo analítico, a criança, sente-se compelida ao confronto com a realidade e com uma nova dinâmica objetal, na qual espera uma expansão e liberdade crescentes mas, inevitavelmente, uma renúncia à onnipotência e dependência infantis. Na obra, este dilema encontra-se bem representado no confronto do príncipezinho com o planeta Terra. Aqui, o príncipezinho encontrou um jardim florido de rosas parecidas com a sua, constatando a sua falta de unicidade: *“Julgava-me rico por possuir uma flor única e possuo uma vulgar rosa. Isso e os meus três vulcões que me chegam ao joelho, um dos quais está talvez extinto para sempre, isso não faz de mim um príncipe muito grande. E deitado na erva chorou.”* À semelhança do que acontece com a criança num processo analítico, toda a mudança de perspetiva sobre uma questão (sobretudo interna), ou seja, a elaboração e transladação de um estado mental a outro, implica dor mental mas contribui para uma progressiva diferenciação<sup>16</sup>.

## **Contrato terapêutico, pedra basilar do processo analítico**

Nenhum processo analítico sobrevive sem um sólido contrato terapêutico que conceda estrutura, tal qual uma pedra basilar, à relação de trabalho tão intensamente vivida entre o terapeuta e o analisando. Segundo Etchegoyen (1989)<sup>8</sup>, o contrato terapêutico constitui um marco inicial no estabelecimento do

setting do processo analítico, estabelecendo regras e definindo como constantes as variáveis de tempo e espaço. O contrato terapêutico pode ser retomado sempre que necessário, sendo lembrado ou sofrendo ligeiras alterações, de forma a assegurar que a análise possa prosseguir<sup>8</sup>. É neste sentido que Etchegoyen considera que o terapeuta funciona como um guardião do setting, assegurando que este auxilie a terapia ao longo de todo o processo. Retomando a obra, este papel de guardião do terapeuta encontra-se bem ilustrado na aparição da personagem raposa que explica ao príncipezinho o que significa *cativar*: "(...) *É necessário ser paciente. Sentas-te primeiro um pouco longe de mim, assim, na erva. Eu olhar-te-ei pelo canto do olho e tu não dirás nada. (...) de dia para dia, poderás sentar-te um pouco mais perto*". A raposa acrescenta: "*Era preferível teres voltado à mesma hora, disse a raposa. Se vieses, por exemplo, às quatro da tarde, a partir das três começarei a sentir-me feliz. (...) Mas se vieses a qualquer hora, ficarei sem saber a que horas hei-de vestir o meu coração... Os rituais são necessários*". Regressando à relação entre terapeuta e analisando, o primeiro sentiu contratransferencialmente a necessidade de conter a dor mental da criança resultante do seu processo de crescimento, retomando, por meio da raposa, a elaboração do contrato terapêutico de forma a possibilitar a elaboração mental de conteúdos dolorosos na sua relação única e exclusiva.

### **O término do processo analítico**

O piloto e o príncipezinho estavam no oitavo dia da sua viagem e a água estava a chegar ao fim. Ambos vislumbravam o fim da sua viagem, sentindo-se verdadeiramente cúmplices e ao mesmo tempo nostálgicos em relação à longa viagem que tinham partilhado. Num paralelismo com a metáfora do par analítico, vislumbra-se a proximidade do término do processo analítico. Este torna-se evidente quando, nas palavras de Winnicott<sup>17</sup>, a criança atinge a "capacidade de estar só", ou seja, quando a criança atinge uma autonomia de diferenciação que lhe possibilita sobreviver sozinha sem se sentir só. Ao longo de um processo de análise, na relação com o terapeuta, a criança trabalha a vivência das separações, perdas e irreversibilidade da realidade real numa realidade protegida, de tal modo que, no final, se torna preparado para a realidade real. À semelhança do príncipezinho, a criança deixa de ser "alimentada" exclusivamente pelo materno que lhe concedia uma onipotência mágica e alcança um Eu mais autónomo e maduro por meio da "água do poço", símbolo do processo analítico.



## Considerações finais

O presente trabalho parte da análise da obra “O Príncipezinho” de Saint-Exupéry que se apresenta como um veículo para a reflexão sobre o processo analítico de uma criança e o seu desenvolvimento psíquico. Partindo da metáfora apresentada, algumas partes da obra são destacadas na tentativa de se ilustrar diversos aspectos teórico-práticos envolvidos num processo psicoterapêutico de uma criança e a extrema importância da comunicação simbólica na psicoterapia com crianças.

Trata-se de uma interpretação da autora, não se ambicionando destruir a poesia de Saint-Exupéry nem esgotar outras possíveis interpretações dada a infinita polissemia da obra amplificadora de diferentes vivências subjetivas.

Contudo, a autora acredita que, seja qual for o olhar debruçado sobre a obra, nela é evidente a supremacia do afeto e da relação enquanto mobilizadores do verdadeiro autoconhecimento- *“É muito simples: só se pode ver bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”*.

## Referências

1. Saint-Exupéry A. O Príncipezinho. Lisboa: Relógio D'Água Editores; 1995.
2. Amaral Dias C. Espaço e Relação Terapêutica. Coimbra Editora; 1993.
3. Anzieu D. O Eu-pele. 2ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
4. Stern DN, et al. Non-interpretive mechanisms in psychoanalytic therapy: “The something more” than interpretation. *International Journal of Psycho-Analysis*. 1998; 79: 903-921.
5. Bion, WR. Estudos psicanalíticos revisitados. Rio Janeiro: Imago; 1964.
6. Zetzel ER. Current concepts of transference. *International Journal of Psycho-Analysis*. 1956; 37: 369-375.
7. Racker H. A contribution to the problem of counter-transference. *International Journal of Psycho-Analysis*. 1953; 34: 313-324.
8. Etchegoyen RH. Fundamentos da técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
9. Winnicott DW. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
10. Flores JP. Considerações sobre a Aliança Terapêutica. *Revista de Psicanálise*. 1985; 1: 11-16.
11. Winnicott DW. Metapsychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up. *International Journal of Psycho-Analysis*. 1955; 36: 16-26.

12. Drewermann E. O Essencial é Invisível- Uma leitura psicanalítica de O Principezinho. Braga: Círculo de Leitores, 2005.
13. Golse B. O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança. Lisboa: Climepsi Editores; 2005.
14. Ferro A. Facteurs de maladie. Facteurs de guérison. Paris: Press Edition; 2004.
15. Schafer R. Narratives of the self, in Psychoanalysis: Toward the Second Century. Edited by Cooper AM, Kernberg OF, Person ES. New Hagen: CT, Yale University Press; 1989.
16. Malpique C, Fleming M. Psicanálise e mudança psíquica. Cartografias para uma viagem. Porto: Edições Afrontamento; 2010.
17. Winnicott DW. A capacidade para estar só. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

### **Correspondência**

*Joana Maria Calejo Pinto Barroso Jorge*

Departamento de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Centro Hospitalar do Porto

Largo Professor Abel Salazar, 4099-001

Porto- Portugal

joanaj@gmail.com

Submetido em 01/08/2014

Aceito em 09/12/2014